



## **A IMPORTÂNCIA DAS AÇÕES POLÍTICAS E A INVISIBILIDADE DA MULHER QUILOMBOLA NO TERRITÓRIO DA ÁREA DAS CABECEIRAS, NAS COMUNIDADES SILÊNCIO E CUECÉ, EM ÓBIDOS/PA**

Priscila Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>

Larissa de Sousa Silva<sup>2</sup>

Cláudia Queiroz de Assis<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A resistência das mulheres quilombolas se estende a mais de um século no território brasileiro. O contexto dessas lutas se conecta pelas regiões do Brasil, principalmente em território amazônico, lutando pela liberdade e alcance de políticas públicas. Na contemporaneidade, o número de mulheres que se tornaram inspiração de luta pelo Brasil é significativo, mas neste contexto da pesquisa enfatizaremos a luta das mulheres quilombolas das comunidades Silêncio e Cuecé, localizadas na área das Cabeceiras, no meio rural do município de Óbidos, no Oeste paraense, região Norte do Brasil, Amazônia brasileira. O objetivo da presente pesquisa é compreender a importância das ações políticas desenvolvidas por essas mulheres em seus territórios e apresentar a invisibilidade constituída nesse espaço. O desenvolvimento inicial da pesquisa se deu com a revisão bibliográfica para embasamento teórico através da leitura de teses, dissertações, artigos e livros, segmentados pelo trabalho de campo que se fez necessário para entender a rotina das mulheres, onde utilizou-se da aplicação de entrevistas semiestruturadas com as mulheres das comunidades Cuecé e Silêncio, considerando-se ser uma pesquisa participante. As entrevistas foram realizadas com oito mulheres, sendo duas mulheres da comunidade Cuecé, cinco mulheres da comunidade Silêncio e uma mulher branca da cidade de Óbidos, mulher esta que teve grande importância no processo de titulação da área das Cabeceiras.

**Palavras-chave:** Mulher quilombola; invisibilidade; resistência, Área das Cabeceiras, ações políticas

### **SUMMARY**

The resistance of quilombola women extends for more than a century in the Brazilian territory. The context of these struggles is connected by the regions of Brazil, especially in the Amazon territory, fighting for freedom and the reach of public policies. In contemporary times, the number of women who have become an inspiration for the struggle for Brazil is significant, but in this context of the research we will emphasize the struggle of quilombola women from the communities of Silêncio and Cuecé, located in the area of Cabeceiras, in the rural area of the municipality of Óbidos, in the West of Pará, in the Northern region of Brazil, in the Brazilian Amazon. The objective of this research is to understand the importance of the political actions developed by these women in their territories and to present the invisibility constituted in this space. The initial development of the research took place with the bibliographic review for theoretical basis through the reading of theses, dissertations, articles and books, segmented by the fieldwork that was necessary to understand the women's routine, where the application of semi-structured interviews with women from the Cuecé and Silêncio communities was used, considering it to be a participatory research. The interviews were conducted with eight

<sup>1</sup> Mestre do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia- UNIR/  
[priscila\\_ribeiro dossantos@yahoo.com](mailto:priscila_ribeiro dossantos@yahoo.com)

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia- UNIR/  
[larissa.system.lb@gmail.com](mailto:larissa.system.lb@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia- UNIR/  
[assisclaudia.geo@gmail.com](mailto:assisclaudia.geo@gmail.com)

women, two women from the Cuecé community, five women from the Silêncio community and one white woman from the city of Óbidos, a woman who had great importance in the process of titling the Cabeceiras area.

**Key words:** Women; Quilombola; Invisibility; Resistance; Political actions; Headwaters Area.

## INTRODUÇÃO

A instigação em produzir este trabalho é levado pelo desafio presente no debate da ciência geográfica a partir da ótica sobre a mulher quilombola e seu território. É necessário produzir no que diz respeito as relações de gênero e poder e como essas pautas refletem e são precisas para aprender e refletir sobre a importância dessas mulheres, de suas lutas, e como a invisibilidade permeia seus territórios e suas ações políticas.

A resistência das mulheres quilombolas se estendem a mais de um século no território brasileiro, o contexto dessas lutas se conectam pelas regiões do Brasil, principalmente em território amazônico, lutando pela liberdade, e alcance de políticas públicas, na manutenção e regularização de seus territórios, nesse sentido, entende-se que falar da mulher quilombola na trajetória política, nas ações que a definem como protagonista de diversas lutas em prol do território e do coletivo, demonstra o quanto essas mulheres são essenciais para suas comunidades, como bem afirma Sousa (2020) essas mulheres são ocupantes ativas dos territórios quilombolas e são agentes fundamentais na sistematização e reprodução dessa história.

Aos passos de uma história marcada pela violência e pelas invisibilidades, tem-se como inspiração a luta de mulheres quilombolas como Dandara dos Palmares e Tereza de Benguela, que estiveram na linha de frente durante o período escravista, lutando pela sobrevivência e não se curvando diante da violência a qual eram submetidas, lideraram grupos, fomentaram desejo de liberdade e buscaram dignidade ao seu povo, provocando verdadeiras revoluções para que as lutas dessem continuidade em território brasileiro.

Na contemporaneidade, o número de mulheres que são inspirações de luta pelo Brasil, é significativo, mas que neste contexto da pesquisa enfatizaremos a luta das mulheres quilombolas das comunidades Silêncio e Cuecé, localizada na área das Cabeceiras no meio rural do município de Óbidos, no Oeste paraense, região norte do Brasil, Amazônia brasileira. O território foi titulado no ano 2000 pela Fundação Cultural Palmares, abrange 11 comunidades quilombolas: Castanhanduba, Apuí, Centrinho, Ponte Grande, Serrinha, Vila Nova, Cuecé, Silêncio, Matá, São José, e Patauá do São José, e a presença e luta das mulheres quilombolas foram cruciais para que esse direito fosse efetivado junto ao território.

Nesta perspectiva, o objetivo da presente pesquisa é compreender a importância das ações políticas desenvolvidas por essas mulheres em seus territórios e apresentar a invisibilidade constituída nesse espaço. Embora elas sejam protagonistas, é um lugar que sempre esteve associada a lideranças masculinas. Entende-se que é necessário dialogar, sobre o papel que essas mulheres desempenham para o fortalecimento da luta, elas fazem a história e são a história do quilombo Silêncio e Cuecé, e do território da Área das Cabeceiras, pois sempre estiveram presentes na linha de frente reivindicando e lutando por seu território.

Ao pesquisar sobre mulheres quilombolas e suas ações políticas em suas comunidades, Silva (2016) diz que essas mulheres têm uma história de luta e de participação bastante atuante junto as suas comunidades. São sujeitas que se negaram a aceitar os olhares machistas, pelo fato de se lançarem como vozes atuantes nos movimentos comunitários, onde se fizeram presentes e expressaram suas opiniões e sugestões. Percebe-se que nos espaços de reuniões, a participação majoritária é dos homens e isso reafirma, em muito, a ideologia de que os espaços públicos são masculinizados e a mulher, quando se faz presente, é na condição de acompanhante do marido.

Nesse sentido, falar do protagonismo de mulheres quilombolas, é falar de mulheres que atuam e lutam por melhorias em suas comunidades, sejam essas melhorias nos âmbitos sociais, educacionais, essas mulheres são atuantes e estão sempre disponíveis para as demandas que surgirem no caminhar de suas ações. Mas por que não ouvimos falar delas? Por que não ouvimos seus nomes sendo proferidos quando ações são conquistadas?

A invisibilidade está calcada no seio comunitário, o patriarcado e o machismo são presentes nas comunidades permeando o esquecimento e o silenciamento dessas mulheres que lutam e atuam por todos do coletivo.

Importante contextualizar que esta pesquisa é parte de resultados da dissertação de mestrado defendida recentemente, que se intitula “*O protagonismo da mulher quilombola no processo de titulação do território da Área das Cabeceiras, em Óbidos/Pa*”, enfatizando o protagonismo dessas mulheres na luta da titulação do referido território. As geografias alicerçadas nessa pesquisa, advém da concepção de gênero e das ações políticas apresentando a constante luta dessas mulheres pela manutenção cultural, social e ancestral de seus territórios quilombolas amazônicos.

O cotidiano construído pelas resistências nas comunidades Silêncio e Cuecé na Área das Cabeceiras, foram contornadas ganhando formas nas lutas, indiscutivelmente feito pelas mulheres que se fazem essenciais na construção das organizações políticas e sociais, sobretudo no avanço das titulações de seus territórios. Nesse sentido, para melhor compreensão da dinâmica dessas comunidades, é necessário caminhar pelos procedimentos metodológicos da pesquisa, acentuados na abordagem qualitativa, sendo um ponto de partida fundamental para delimitar as etapas a serem investigadas.

O desenvolvimento inicial da pesquisa foi com a revisão bibliográfica para embasamento teórico, através da leitura de teses, dissertações, artigos, livros, seguidos pelo trabalho de campo, que se fez necessário para entender a rotina dessas mulheres, ampliar os olhares à cerca dos fenômenos e compreender as formas de luta coletivas, tecidas pela sociabilidade dentro das comunidades, onde utilizou-se da aplicação de entrevistas semiestruturadas com as mulheres das comunidades Cuecé e Silêncio, considerando-se ser uma pesquisa participante.

As entrevistas foram realizadas com 08 mulheres, 02 mulheres da comunidade Cuecé, 05 mulheres da comunidade Silêncio e 01 mulher branca da cidade de Óbidos, mulher esta que teve grande importância no processo de titulação da Área das Cabeceiras. Para registrar as falas foi primordial o uso do gravador de voz, uso da câmera do celular e também para traçar e pontuar o uso do caderno de campo.

Nesse sentido, pesquisar as mulheres quilombolas dessas comunidades, é dar retornos a elas, dar voz e visibilidades, pois ajudam a fortalecer os movimentos em que essas comunidades estão envolvidas, seus territórios significam a reprodução cultural, social, a reprodução da vida. São elas, portanto, que principalmente resistem no território e que dão corpo à luta diária pela sobrevivência e à organização contra as violências diversas a que a comunidade está submetida. Elas são lideranças, “elos relevantes na manutenção das identidades e territorialidades das comunidades” (Silva; Oliveira, 2017, p. 73).

Dentro dessa perspectiva, o trabalho busca evidenciar a atuação dessas mulheres no território e como lidam com o machismo, patriarcado e com a invisibilidade existente em suas comunidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O reconhecimento da importância do movimento quilombola para lutar pelas demandas do coletivo, ressaltando a importância da mulher nessa perspectiva de liderança, mostra o espaço que a mulher quilombola vem adquirindo e suas percepções acerca de tal relevância. Ao falar da mulher quilombola na trajetória política, Sousa (2020) diz:

A inserção de mulheres nos movimentos sociais nos possibilita enxergar que elas ocupam espaço de representação dentro e fora dos territórios quilombolas. Tais inserções têm possibilitado o aprendizado das mulheres e um aumento da autoestima. As mulheres saem do campo de serem famigeradas “ajudadoras” e passam a ocupar e vivenciar o fato de serem Presidentas das Associações, Lideranças, Representantes da Comunidade, Trabalhadoras, Professoras, nesse sentido elas se percebem que historicamente existe uma diferença e uma desigualdade de gênero além dos preconceitos de lugar, de classe e cor (Sousa, 2020, p.129).

As mulheres sempre são vistas como ajudadoras de seus parceiros, ainda que estas possuam uma demanda de trabalho muito maior, cuidam da casa, dos filhos, trabalham na roça e ainda assim, não passam de meras ajudadoras. Como a autora enfatiza, participar dos movimentos sociais permitiu a essas mulheres, novos olhares em relação as condições que eram colocadas e vistas, a partir das atuações em movimentos sociais, tornaram-se detentoras de conhecimentos, quebraram barreiras e percorreram novos caminhos.

São perceptíveis as atuações e a dedicações das mulheres nas lutas territoriais em prol da titulação, de projetos direcionados às comunidades e na proteção das terras ocupadas pelos seus antepassados. E mesmo que a mulher estivesse inserida e envolvida nas lutas comunitárias desde sempre, poucas eram as questões direcionadas especificamente para elas, percebe-se a invisibilidade que perpassa pela mulher quilombola, mesmo que esta realize inúmeras ações que são de grande relevância para o território e para o coletivo.

Sousa (2020) evidencia que a resistência dessas mulheres é materializada no espaço quilombola ao ocuparem papéis de liderança política em suas comunidades, ao tempo em que buscam quebrar com construções históricas que as colocam em uma posição de inferiorização e silenciamento.

O trabalho em si vem abordar tal questão enfatizando o protagonismo da mulher em prol da titulação do seu território, é nítido que essas mulheres fazem a história e são a história de suas comunidades, sempre estiveram presentes na linha de frente, articulando e tomando decisões que viessem favorecer ao coletivo. Como é colocado pela entrevistada:

*Essa parte da Área das Cabeceiras mesmo eu não estava assim a frente disso, foram as próprias mulheres e homens também, mas eu digo que houve maior incentivo da parte das mulheres, porque tanto em qualquer trabalho tem sempre maior número de mulheres e quando elas querem elas fazem mesmo. O que a gente vê nessa caminhada toda, por exemplo, não só nessa caminhada porque as coisas que são fruto hoje, já tem sua raiz longa, então eu me lembro que desde que eu comecei a trabalhar na prelazia, meu trabalho com a formação de lideranças, a presença maior era de mulheres e em geral nas organizações todas por aí, a mulher está à frente, com garra, com determinação e é isso que a gente vê nesse trabalho todo que tem tido, a presença das mulheres, pode vê aí o livro do Mocambo, aí pode ter o exemplo né de que o trabalho delas e nos movimentos, por exemplo, nos eventos de solidariedade, é elas que tomam frente, o porquê disso dado a sensibilidade da mulher, sensibilidade que elas assumem com garra. (Idaliana Azevedo, entrevistada concedida a Priscila Ribeiro dos Santos, em julho de 2022).*

A presença das mulheres é mais significativa nos espaços, do que a presença dos homens, como é abordado pela professora Idaliana Azevedo. As mulheres incentivam, trabalham, fazem acontecer, sempre com determinação, as mulheres estão a frente das organizações, agindo, atuando. Isso demonstra o interesse das mesmas pelas causas e pelas lutas comunitárias.

Como é citado por Sousa (2020) as trajetórias que compreendem a vida das mulheres negras, nos mostram que elas, por sua vez, possuem grande influência, são fortes e determinadas, atuam na condução dos eventos públicos e religiosos. Referências no que tange a articulação política e ao acesso a bens, comunicam e contam de modo muito comprometido sobre suas histórias de vida e suas trajetórias. Essas trajetórias são muito rememoradas pelas entrevistadas como é colocado a seguir pela professora Maria Helena:

*A minha trajetória como mulher na comunidade, eu digo que de certa forma eu contribui né, com a comunidade, principalmente porque quando eu trabalhava como professora né, eu tenho certeza que eu contribui com a comunidade na área de igreja, até hoje eu contribuo, trabalhando na igreja e também trabalhando nos projetos, trabalhando pra essa comunidade também quando houve a titulação da área, nós lutamos muito, eu fui uma das mulheres que lutou muito por essa titulação, que graças a Deus nós conseguimos e eu penso assim que eu fiz algo pela comunidade, pela nossa área e até hoje continuo fazendo e tenho vontade de fazer. (Maria Helena Ribeiro da Silva, entrevista concedida a Priscila Ribeiro dos Santos em abril de 2021).*

O reconhecimento da importância do movimento quilombola para lutar pelas demandas do coletivo, ressaltando a importância da mulher nessa perspectiva de liderança, mostra o espaço que a mulher quilombola vem adquirindo e suas percepções acerca de tal



relevância. São professoras, líderes de igrejas, não atuam somente em uma dimensão, mas estão presentes em todos os órgãos comunitários, criando uma base de fortalecimento para o território, como é colocado pela entrevistada a seguir:

*Eu vejo assim, o papel da mulher muito importante, fundamental realmente, tivemos parceiros homens também muito atuantes, dedicados na época, acreditavam, uma coisa é a gente acreditar naquilo que a gente quer e tiveram assim muitas pessoas envolvidas no início, daqui da região nós tivemos por exemplo, a Ewanildes, eu, a Helena, a Concy, várias outras né, professora Idaliana como já foi falado, de lá do Matá as meninas sempre davam apoio Marina, Morelina sempre tavam junto né, são pessoas que tiveram desde o início né nessa jornada, a Rosalva ali do Castanhanduba foi uma pessoa muito atuante também, a Joana com o finado Jango era ele, mas ela também acompanhava porque ele foi o primeiro presidente da associação, e foi fundamental mesmo, o nosso papel de mulheres porque a gente ia, a gente não colocava obstáculos, se era pra ir pra reunião a gente tava junto, se era ir pro encontro a gente tava junto também né, tanto é que quando foi pra receber a titulação a gente tava lá também (risos), nunca deixamos os homens ganharem sozinhos até porque não dá, tem que ter parceria mesmo, então as mulheres na verdade, principalmente as mulheres quilombolas, elas sempre, no nosso caso né, eu vejo assim, nós mulheres eu não diria um poder de convencimento, mas a gente tem sempre uma maneira mais fácil de conversar, de conquistar né. (Verinha dos Santos Oliveira, entrevista concedida a Priscila Ribeiro dos Santos em abril de 2021).*

Mulheres como a professora Verinha dos Santos Oliveira demonstram a força e a resistência das mulheres quilombolas a partir de seu relato, estão desde o princípio dos movimentos em prol da titulação do território da Área das Cabeceiras, e não pararam mais continuaram exercendo seus direitos, são mulheres que refletem para as mais jovens, exemplo de superação e de protagonismos. A mesma relata como a presença das mulheres foi fundamental nesse processo, as mesmas estavam sempre ao lado dos homens, enfrentavam os obstáculos e se faziam presentes nas reuniões.

Hoje essas mulheres vêm conquistando mais espaços, podendo fazer o que elas quiserem, saindo do fogão e dirigindo reuniões, demandando situações que não se resumem somente ao espaço de sua casa e de sua cozinha, são protagonismos necessários e importantes para essas mulheres do campo. Tal questão é percebível na fala de Edileusa Garcia da comunidade Cuecé:

*Ainda tem uma grande resistência, mas tem mulheres que são atuantes, não se deixam levar pelos comentários negativos, certas vezes machistas, mulher mesmo bota de pé de encontro diz que vai né, ser liderança e na nossa comunidade tem mulher que ela é liderança, ali mesmo firme que serve até de exemplo para outras mulheres. Sempre que eu posso eu gosto muito de*

*esporte, atuo na prática de esporte participo lá com os meninos de uma equipe, participo também, faço parte do conselho da igreja e sempre que posso sempre estou ajudando. Na maioria das vezes é mais na igreja e na parte de esporte né, sempre tem reuniões do conselho e a gente sempre tá participando. (Edileusa Garcia, entrevistada concedida a Priscila Ribeiro dos Santos, em abril de 2022).*

Como é colocado pela entrevistada Edileusa Garcia, as mulheres seguem firmes em seus objetivos, apesar do machismo, continuam atuando em diversas questões comunitárias, servindo de exemplo para que outras mulheres possam também desenvolver seus trabalhos e atuar em suas comunidades.

Nesse sentido Sousa (2020) evidencia que coexiste uma lógica patriarcal que coloca a mulher em um lugar de subalternização como “objeto sexual passivo, mãe devotada e esposa obediente”. Em uma linha histórica relaciona-se a imagem da mulher mais ao âmbito da feminilidade, sexualidade, fertilidade e reprodução do que a associação direta a cargos de governança, o que estaria em oposição à dominação e a ordem patriarcal.

Mas essa lógica patriarcal através das ações das mulheres em meio aos movimentos comunitários está mudando, essas mulheres atuam em organizações políticas, colocam em pauta as demandas das suas comunidades, buscam implementar políticas públicas nos seus territórios, são ações assumidas por elas. Nesse sentido, “as mulheres têm se reinventado e buscado modos de viver nos territórios quilombolas, demonstram constante dinamismo e trânsito entre os espaços privados, religiosos e políticos.” (Sousa, 2020, p. 118).

Essa reivenção de mulheres está acontecendo nas comunidades Silêncio e Cuecé, (Imagem 1) se antes essas mulheres já atuavam, hoje elas estão cada vez mais participativas, colocam suas opiniões e desejam cargos como por exemplo na Associação de Remanescente de Quilombo da Área das Cabeceiras (ACORNECAB).

O interesse das mulheres em participar não somente como sócias, mas como representantes dentro da associação é tamanho que na última eleição para compor a nova coordenação ocorrida no mês de abril do ano de 2022, a maioria dos cargos foram preenchidos por mulheres, somente o cargo de presidente ainda é composto por homens, espera-se que em eleições posteriores isso mude, e uma mulher tenha a experiência de atuar como presidenta da Associação da Área das Cabeceiras.





Imagem 1: Realização de Assembleia da ACORNECAB.  
Fonte: CANTO, Ana Karolina Pereira, 2022.

Nesse sentido de atuação e participação, as mulheres quilombolas da Área das Cabeceiras (Imagem 2) participaram do X Encontro de Mulheres Quilombolas do Estado do Pará, tendo com o tema “Valorizando a Cultura Quilombola de Plantas e Ervas Medicinais” o qual ocorreu entre os dias 09 a 10 de setembro do ano de 2022, sendo realizado pela Malungo.

O X Encontro aconteceu na comunidade Serrinha, município de Oriximiná, foram mais de 250 mulheres discutindo sobre políticas públicas, empoderamento feminino, fazendo relatos acerca de suas vidas, sobre as eleições 2022 e, principalmente, comemorando o dom da vida após a pandemia da Covid-19.

O tema do encontro se deu a partir da necessidade de resgatar e valorizar os conhecimentos e saberes quilombolas. O encontro protagonizou atividades culturais rodas de conversas, oficinas, desfiles de moda afro e shows de talentos. O próximo encontro acontecerá em 2024, no município de Santarém.



Imagem 2: Mulheres quilombolas do município de Óbidos indo ao X Encontro de Mulheres Quilombolas do Estado do Pará

Fonte: SANTOS, Douglas Sena dos, 2022

As mulheres da Área das Cabeceiras retornaram do X Encontro de Mulheres Quilombolas do Estado do Pará mais encorajadas a seguirem na luta, voltaram com projetos a fim de criar um grupo de mulheres na Área para continuarem mais engajadas nos movimentos e seguirem buscando melhorias para o território. Essas mulheres carregam consigo a força de sua ancestralidade o que as tornam resistentes à toda e qualquer forma de invisibilidade como é colocado por Ramaiana dos Santos Siqueira “é a minha geração, a minha raiz né, tudo que eu posso dizer e me orgulhar, eu sou uma mulher quilombola”.

As ações estão sendo mais frequentes nos territórios quilombolas, como reuniões mensais entre a ARQUIMOB e as demais associações do município de Óbidos fortalecendo as associações e corroborando para que as articulações sejam realizadas, além disso, ocorre semanalmente a Mesa quilombola, tendo como objetivo a presença dos coordenadores de cada comunidade quilombola onde colocam suas demandas, vale ressaltar a presença das mulheres nessas mesas como a maioria.

De acordo com Sousa (2020) a resistência dessas mulheres é materializada no espaço quilombola ao ocuparem papéis de liderança política em suas comunidades, ao tempo em que buscam quebrar com construções históricas que as colocam em uma posição de inferiorização e silenciamento.

Nesse sentido, as mulheres quilombolas da Área das Cabeceiras estão em movimento contínuo, aprendendo, lutando, transformando, apoiando umas às outras, a fim de permanecerem ajudando seu território.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aponta que o debate sobre a participação das mulheres quilombolas na organização e luta pelo território é fundamental, embora sejam invisibilizadas por serem mulheres, mães, filhas, donas de casa. São elas que se fazem presentes no cotidiano dessas comunidades, assumem liderança e ficam na linha de frente reivindicando melhorias dentro do território, assumem as demandas que emergem, inclusive tendo que dar conta também dos afazeres domésticos.

O lado feminino do território da Área das Cabeceiras é carregado de identidade, de lutas e protagonismo, entende-se que as mulheres quilombolas estão em movimento contínuo, aprendendo, lutando, transformando, a fim de permanecerem atuando em suas comunidades.

Para concluir, que a presente pesquisa possa contribuir com a luta e fortalecimento do movimento quilombola, que as comunidades da Área das Cabeceiras possam utilizar este trabalho em prol de implementações de políticas públicas e para a aplicação de direitos em seu território. E que o protagonismo realizado pelas mulheres quilombolas através de suas ações políticas seja cada vez mais transformador e seja um dos condutores de visibilidade para a luta dessas mulheres.

## REFERÊNCIAS

SILVA, Raimunda Patricia Gemaque da. **O lado feminino do quilombo: o território quilombola sobre o enfoque de gênero nas comunidades da Boa Vista e Moura, em Oriximiná-PA**/Raimunda Patrícia Gemaque da Silva. - - Porto Velho, Rondônia, 2016. 185f. : il.

SILVA, C. H. da; OLIVEIRA, A. R. S. DE. A atuação das Mulheres Quilombolas na manutenção da identidade territorial: um olhar a partir das comunidades de Água morna e Guajuvira em Curitiba-PR. In: FIABANI, A.; GOMES, A. B. S.; MIRANDA, C. A. S. (org.). **Do Quilombo ao Baton: histórias de mulheres quilombolas**. Curitiba: CRV, 2017. p. 73-88

SOUSA, Vivianne de. Relações de gênero e poder: reflexões sobre a trajetória da luta por direitos nas comunidades negras sertanejas. In: RODRIGUES, Maria de Fátima Ferreira; MARQUES, Amanda Christinne Nascimento, FREDRICH, Maria Salomé Lopes. (Orgs.). **A geografia dos povos tradicionais**. Editora UFPB, 223 p.: il. ; v.2. João Pessoa, 2020.